

O termo gênero e suas contextualizações

Giancarlo Spizzirri^I, Carla Maria de Abreu Pereira^{II}, Carmita Helena Najjar Abdo^{III}

Programa de Estudos em Sexualidade (ProSex) do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

RESUMO

A palavra gênero foi incluída no contexto social após a II Guerra Mundial em decorrência dos movimentos sociais feministas, que fundamentavam as distinções sociais relacionadas ao sexo biológico (do nascimento). Esses movimentos ganharam força na década de 1960 em função da desigualdade de poder entre o masculino e o feminino: preconizavam a mudança da condição feminina, sexo frágil, oprimido, submisso e excluído da sociedade. No campo das ciências da saúde, Robert Stoller, em 1968 no livro "Sex and Gender", introduziu a palavra gênero para diferenciar do termo sexo, que estava tão somente associado às condições biológicas. O termo gênero começou a fazer parte do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM) da Associação Psiquiátrica Americana (APA), em 1994. O DSM-5 (2013) ampliou a visão sobre gênero e sexo: sexo refere-se tanto a masculino quanto a feminino, relacionado aos aspectos biológicos e de reprodução; gênero é utilizado para designar o papel social, menino ou menina, homem ou mulher e na maioria das pessoas relacionado ao sexo de nascimento. Entretanto, o desenvolvimento individual do gênero sofre influências biopsicossociais e nem todos os indivíduos perceber-se-ão como homens ou mulheres. Na atualidade os estudiosos do assunto questionam: o termo gênero está dissociado do sexo biológico? Há dois tipos de gêneros, masculino e feminino, somente? O gênero está ou não associado a fatores ambientais? O gênero é uma característica individual? Faz parte do corpo? É fundamental classificar o indivíduo em algum gênero? As experiências adquiridas ao longo do nosso desenvolvimento interferem na aquisição da identidade de gênero?

PALAVRAS-CHAVE: Sexo, identidade de gênero, feminismo, sexismo, pessoas transgênero

Quando se pesquisa em algumas bases eletrônicas de dados científicas, como, por exemplo, o PubMed, verifica-se que há 707.692 entradas com o termo gênero e 132.824 empregando o termo diferenças de gênero. No dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, *gênero* é definido como: "s.m. Grupo da classificação dos seres vivos que reúne espécies vizinhas, aparentadas, afins, por apresentarem entre si semelhanças constantes; maneira de ser ou de fazer: é esse o seu gênero de vestir-se; gênero literário, variedade da obra literária, segundo

o assunto e a maneira de tratá-lo, o estilo, a estrutura e as características formais da composição; gênero humano, a espécie humana. Gênero de vida, modo de viver, de proceder".¹

A palavra gênero foi incluída no contexto social após a II Guerra Mundial em decorrência dos movimentos sociais feministas, que fundamentavam as distinções sociais relacionadas ao sexo biológico (do nascimento). Esses movimentos ganharam força na década de 1960 em função da desigualdade de poder entre o masculino e feminino: preconizavam a

^IPsiquiatra, doutorando pelo Programa de Estudos em Sexualidade (ProSex) do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HCFMUSP). Professor do curso de Especialização em Sexualidade Humana da USP.

^{II}Fisioterapeuta, mestre em Ciências da Saúde pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (FCMSCSP). Especialista em Sexualidade Humana da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Membro da equipe do Programa de Estudos em Sexualidade (ProSex).

^{III}Psiquiatra, livre-docente e professora associada do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Fundadora e coordenadora do Programa de Estudos em Sexualidade (ProSex) do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da FMUSP.

Editor responsável por esta seção:

Carmita Helena Najjar Abdo. Psiquiatra, livre-docente e professora associada do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Fundadora e coordenadora do Programa de Estudos em Sexualidade (ProSex) do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da FMUSP.

Endereço para correspondência:

Giancarlo Spizzirri
Rua Ovídio Pires de Campos, 785 – 4ª andar – São Paulo (SP) – CEP 01060-970
Tel. (11) 2661-6982
E-mail: giancki@uol.com.br

Fonte de fomento: nenhuma declarada – Conflito de interesse: nenhum declarado

Entrada: 3 de novembro de 2013 – Última modificação: 25 de novembro de 2013 – Aceite: 28 de novembro de 2013

mudança da condição feminina, *sexo frágil*, oprimido, submisso e excluído da sociedade profissional e política.²

As mulheres que participavam desses movimentos diferenciavam-se das demais por estarem envolvidas em tarefas tidas como masculinas na ocasião, surgindo, dessa forma, a categoria gênero como sinônimo de mulher.³ Na mesma época, historiadores relatavam que características comportamentais não necessariamente estavam associadas ao sexo de nascimento.⁴

Os movimentos feministas, na década de 1980, passaram a empregar o termo gênero ao invés de sexo, reforçando a ideia de que as diferenças entre homens e mulheres não dependiam do sexo biológico, e sim dos fatores culturais nos quais as pessoas estavam inseridas.⁵

O emprego da palavra *gênero* facilitou a observação dos papéis sociais e das relações entre feminino e masculino e foi ponto de apoio na composição de subjetividades políticas, públicas e/ou relacionais.^{2,6} Há um consenso entre os historiadores de que as mudanças oriundas das guerras mundiais proporcionaram autonomia financeira e conquista de direitos políticos às mulheres, alterando a hierarquia entre elas e os homens.^{3,5,7}

No campo das ciências da saúde, Robert Stoller, em 1968 no livro *“Sex and Gender”*, introduziu a palavra gênero para diferenciar do termo sexo, que estava tão somente associado às condições biológicas. Esse livro trata de intervenções cirúrgicas em pessoas intersexuais e transgêneros, para adaptar a anatomia genital ao gênero desejado. Para Stoller, o sentimento de ser mulher ou homem era mais importante do que as características anatômicas.⁸

Thomas Laqueur, historiador da medicina, publicou em 1992 o livro *“Making sex – body and gender from the greeks to Freud”*, o qual afirmava que era o gênero que constituía o sexo.⁹ Isto é, as diferenças entre os sexos eram uma invenção que remontava ao século XVIII. Até aquela época, havia o registro de um único sexo – o masculino; a mulher era considerada um macho incompleto. A partir de então, as diferenças foram reforçadas e o registro de dois sexos foi instituído.^{5,9}

Nesse mesmo período, Judith Butler questionou a categoria gênero como sexo biológico, iniciou uma discussão crítica sobre as relações binárias, gênero/sexo, homem/mulher, sujeito/outro, confrontando os conceitos que pensam sobre as identidades como sendo fixas. Para essa autora, gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos que sofrem mudanças durante a vida do indivíduo. Butler reconheceu que gênero se confronta com diversas modalidades de identidades, não estando relacionado à orientação sexual e tampouco a outros aspectos da sexualidade.¹⁰

Para Joan Scott, uma das mais importantes teóricas sobre o uso da categoria gênero, essa definição de gênero tem vários aspectos, os quais estão interligados, enfatizando que gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundamentado

nas diferenças percebidas entre os sexos, sendo uma forma inicial de identificar as relações de poder.²

Como elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, o gênero implica em quatro elementos relacionados entre si:²

- símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas e frequentemente contraditórias;
- conceitos normativos que colocam em evidência interpretações do sentido dos símbolos que tentam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas. Esses conceitos são expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas e jurídicas e tipicamente tomam a forma de uma oposição binária: afirmam, de forma categórica, o sentido do masculino e do feminino;
- representação binária dos gêneros;
- identidade subjetiva.

Joan Scott reconhece que o uso do termo gênero coloca ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado por ele e nem determina a sexualidade do indivíduo.^{2,5}

As contribuições de todos esses autores têm incorporado discussões sobre o termo gênero, evidenciando as diferenças entre sexo e gênero.⁵

GÊNERO E MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DOS TRANSTORNOS MENTAIS (DSM)

O termo gênero começou a fazer parte do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM) da Associação Psiquiátrica Americana (APA), em 1994. Sua primeira edição, DSM-I, foi publicada em 1952, a segunda em 1968. O DSM-III, de 1980, foi um divisor de águas na Psiquiatria Contemporânea, uma vez que os modelos psicanalíticos esboçados de alguns distúrbios psiquiátricos descritos no DSM-I e no DSM-II foram abandonados e incluídos critérios mais detalhados para realizar o diagnóstico dos transtornos. O texto revisado do DSM III foi publicado em 1987 (DSM III-TR). Ambos não abordavam o termo gênero.¹¹ No DSM-IV (1994), gênero aparece, pela primeira vez, para auxiliar na identificação de indivíduos que não estão confortáveis com o seu sexo de nascimento e/ou apresentam a necessidade de serem considerados como membros do sexo oposto. Ou seja, a identidade de gênero de um indivíduo não está somente relacionada com a sua genitália. O DSM-IV-TR (2000) considera a identidade de gênero um complexo sistema de crenças sobre a autossujeitividade em relação à masculinidade e feminilidade, e culturalmente prescritas funções atribuídas. A identidade de gênero se apresenta de acordo com a expressão do sexo (ou seja, como as pessoas exteriorizam sua masculinidade e/ou feminilidade

na vida cotidiana), como as pessoas se sentem em relação ao seu sexo biológico e ao seu corpo físico, e também como as pessoas percebem as respostas dos outros para suas expressões, sejam masculinas ou femininas.¹²

O DSM-5 (2013) amplia a visão sobre gênero e sexo: *sexo* refere-se tanto a masculino quanto a feminino, relacionado aos aspectos biológicos e de reprodução; gênero é utilizado para designar o papel social, menino ou menina, homem ou mulher e na maioria das pessoas relacionado ao sexo de nascimento. Entretanto, o desenvolvimento individual do gênero sofre influências biopsicossociais e nem todos os indivíduos perceber-se-ão como homens ou mulheres.¹³

A identidade de gênero é uma categoria da identidade social e refere-se à identificação do indivíduo como homem ou mulher, ou, ocasionalmente, com alguma categoria diferente de homem ou mulher. *Transgênero* refere-se ao amplo espectro de indivíduos que transitoriamente ou persistentemente não se identificam com o seu sexo de nascimento. *Transexual* é quem não se identifica com o seu sexo de nascimento e que procura adequar, ou passar por uma adequação para o gênero desejado, o que em vários, mas não em todos os casos, envolve uma transição somática por tratamento hormonal e cirurgia genital (cirurgia de redesignação sexual).^{13,14}

Disforia de gênero refere-se à incongruência entre o sexo de nascimento *versus* como ele é percebido e manifestado no comportamento do indivíduo, o que vem acompanhado por angústia. Embora, nem todos os indivíduos venham a sentir desconforto como resultado de tal incongruência, muitos sentirão, se as intervenções desejadas sobre o físico, por meio de hormônios e/ou cirurgias, não estiverem disponíveis.^{13,15}

Por essas razões, a *Disforia de gênero* parece ser um termo mais adequado que o anterior (*Transtorno de identidade de gênero*), uma vez que foca na disforia como o problema clínico e não no gênero por si.^{13,16,17}

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na atualidade, os estudiosos do assunto questionam: o termo gênero está dissociado do sexo biológico? Há dois tipos gêneros, masculino e feminino, somente? O gênero está ou não associado a fatores ambientais? O gênero é uma característica individual? Faz parte do corpo? É fundamental classificar o indivíduo em algum gênero? As experiências adquiridas ao longo do nosso desenvolvimento interferem na aquisição da identidade de gênero?

Tais questionamentos demonstram que a diversidade sexual se impõe neste momento histórico, o qual revoluciona o conceito de gênero, dissociando-o do biológico.

REFERÊNCIAS

1. Ferreira ABH. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Curitiba: Positivo; 2004.
2. Scott JW. Gender and the politics of history (Revised edition). New York: Columbia University Press; 1999.
3. Davis NZ. "Women's history" in transition: the european case. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3177729>. Acessado em 2013 (14 nov).
4. Mead M. Male and female: a study of the sexes in a changing world. New York: William Morrow & Co; 1949.
5. Pedro JM. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica [Translating the debate: the usage of gender category in the historical research]. História. 2005; 24(1):77-98.
6. Soihet R. Violência simbólica. Saberes masculinos e representações femininas. Revista Estudos Feministas. 1997;5(1):7-29. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12558/11703>. Acessado em 2013 (14 nov).
7. Thébaud F. A grande guerra. O triunfo da divisão sexual. In: Duby G, Perrot M. (orgs.). História das mulheres no ocidente. São Paulo: Afrontamento; 1991. p. 31-93.
8. Stoller R. Sex and gender: the development of masculinity and femininity. New York: Science House; 1968.
9. Laquer T. La construcción del sexo: cuerpo y género desde los griegos hasta Freud. Madrid: Cátedra; 1994.
10. Buttler J. Gender Trouble. Feminism and the subversion of identity. New York: Routledge; 1990.
11. Wilson M. DSM-III and the transformation of American psychiatry: a history. Am J Psychiatry. 1993;150(3):399-410.
12. American Psychiatric Association. Diagnostic and statistical manual of mental disorders. 4th ed.). Washington: American Psychiatric Press; 2000.
13. American Psychiatric Association. Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5. American Psychiatric Publishing; 2013.
14. Zucker KJ. Reports from the DSM-V Work Group on sexual and gender identity disorders. Arch Sex Behav. 2010;39(2):217-20.
15. Ault A, Brzuzy S. Removing gender identity disorder from the Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders: a call for action. Soc Work. 2009;54(2):187-9.
16. Lawrence AA. Proposed revisions to gender identity disorder diagnoses in the DSM-5. Arch Sex Behav. 2010;39(6):1253-60.
17. Cohen-Kettenis PT, Pfäfflin F. The DSM diagnostic criteria for gender identity disorder in adolescents and adults. Arch Sex Behav. 2010;39(2):499-513.